

humanitas

Vol. LXI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

Vol. LXI



Heroes (1840) do historiador e filósofo escocês Thomas Carlyle, que distingue seis tipos de heróis – o herói divindade, o profeta, o poeta, o sacerdote, o literato e o herói Rei² –, ou mencionar uma obra do seu amigo J. W. Goethe, o fragmento dramático *Prometheus* (1774), de modo a observar a forma como integram ou não a linha de recepção prometeica. Esta ausência, contudo, não afectou a clareza da análise exposta que contextualizou cada leitura mítica, nunca perdendo de vista a metodologia comparativa que permitiu produzir conhecimento novo e destacar traços inéditos e surpreendentes, dificilmente reconhecíveis se se tivesse preferido outra perspectiva de análise. Por tudo isto, o presente volume constitui, a nosso ver, um contributo pertinente, útil e interessante para diversas áreas do saber, desde os estudos clássicos, à mitologia e à filosofia política.

ÁLIA ROSA C. RODRIGUES (bolseira da FCT / CECH-UC)

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês; OLIVEIRA, Francisco de (orgs.). *Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade*. Campinas: Alínea, 2008, 294 pp. ISBN: 9788575162569.

Ao tratar da questão da identidade, Jacques Derrida buscou desconstruí-la com o que chamou de *trouble de l'identité* [abalo da identidade]. Neste 'quase-conceito', o que se faz notar é a insuficiência de qualquer instância que aprioristicamente determine o eu. Assim, só será possível perceber aquilo que de fato singulariza o 'eu' (o 'self') mediante o incessante abalo deste 'si' por toda irredutível alteridade que no 'mesmo' deixa seus rastros. A proposição de Derrida – que, como tantos pensadores modernos e contemporâneos, pôs em causa a suposta naturalidade da condição subjetiva – ecoa audivelmente o *Übermensch* [além-do-homem] de Nietzsche, metáfora com a qual o pensador germânico deu a conhecer suas expectativas filosóficas quanto à superação do humano: um homem que fosse sempre travessia, nunca conformado a um ponto de chegada.

Esta perspectiva metamórfica é a que norteia o livro *Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade*, coorganizado por Maria Inês Ghilardi-Lucena (da Pontifícia Universidade Católica de Campinas) e

² Carlyle, T. (2002), *Os Heróis*. Tradução Á. Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores.

Francisco de Oliveira (da Universidade de Coimbra), publicado no Brasil pela editora Alínea. Constante de leituras multidisciplinares realizadas por autores portugueses e sulamericanos, a coletânea consagra, num total de 17 artigos, a mútua colaboração entre o Grupo de Pesquisa Estudos do Discurso, sediado na instituição brasileira, e o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, na portuguesa. Desde o título, o livro deixa claro o seu ponto de partida – a questão da masculinidade no âmbito dos estudos de gênero –, mas busca contemplar em amplitude o problema, atravessando-o em abordagens que pensam o masculino num espectro mais largo da cultura contemporânea; o que tampouco exclui a perspectiva histórica, a auscultar as reverberações legadas pela tradição.

No capítulo inicial, Ghilardi-Lucena trata do tema “Discurso e gênero: uma questão de identidade”. A noção de identidade, conforme demonstra a autora, sofre um forte processo de desnaturalização a partir da modernidade. Tendo em vista o papel social desempenhado pelos indivíduos, o que as disciplinas contemporâneas têm observado é que, no processo histórico, estereótipos culturalmente construídos foram tidos como padrões naturais a partir dos quais os indivíduos moldavam suas próprias subjetividades. Uma vez que a perspectiva contemporânea revê a questão do eu, compreendendo-o como um complexo construto cultural, a pluralização (ou mesmo desconstrução) da ideia de identidade obriga a compreender as relações de gênero para além da dicotomia homem *versus* mulher. Abre-se margem, portanto, para discutir-se um homem que se define não só pela sua condição biológica, mas que encontra no corpo, e em suas cartografias móveis, o suporte em que experimenta sua singularidade, de maneira a encontrar um modo próprio de ser. Assim, a autora ressalta que “a masculinidade revela-se não somente nos homens, como também em mulheres, da mesma forma que a feminilidade não é exclusividade das mulheres, pois caracteriza – hoje e em tempos antigos –, também, homens, em maior ou menor grau” (p. 20).

Em sua primeira parte, o livro trata do masculino a partir de suas representações na mídia. O capítulo “Do machismo ao masculino”, de Vera Lúcia Pires e Márcia Maria Severo Ferraz, traz como subtítulo a indagação: “O vínculo das relações de gênero transformou o homem?” (p. 23). Tudo indica que sim, tendo em vista que desde os movimentos culturais que deram voz às minorias (perspectiva inaugurada pelo feminismo, mas que abriu espaço para os negros, os gays etc.) obrigaram também o homem (ou o ‘ideal’ de homem), cuja centralidade fora incontestada na tradição patriarcal,

a reposicionar-se na esfera das relações de gênero. Observam as autoras: “o conceito de gênero refere (...) muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade. Assim, noções essencialistas, universais e históricas de homem e mulher – no singular – passam a ser consideradas simplistas e contestadas” (p. 26).

Ao partir para estudos de caso, no âmbito de propagandas veiculadas em revistas, as autoras notam o quanto a mídia, de um modo geral, continua a tratar os papéis sociais de homens e mulheres (o pai, a mãe, o provedor da casa, a rainha do lar) como modelos universais, embora haja mostras de alternativas aos estereótipos. Neste sentido, embora desempenhem ainda “um papel evidentemente conservador na cultura contemporânea” (p. 36), as propagandas têm timidamente dado margem à pluralização de significações.

É também sobre as relações sociais no âmbito da comunicação de massa que se debruçam os demais estudos na primeira parte do livro. Maria Luíza Martins de Mendonça estuda a representação do homem negro na revista étnica *Raça Brasil*, observando os vínculos entre identidade e sedução. A seguir, Susana Bornéo Funck trata das pedagogias do espaço doméstico, refletindo sobre a construção de masculinidades nos quartos para meninos propagandeados em magazines de decoração. Ghilardi-Lucena escreve, nesta parte, um novo capítulo de sua autoria, debruçando-se sobre as representações do masculino em capas de revistas. Flailda Brito Garboggini, por sua vez, articula como o homem contemporâneo tratou de incorporar hábitos até aqui vinculados à vaidade feminina, o que resultou no chamado ‘metrossexual’. Julio Fernando Núñez García analisa as representações do homem na publicidade de absorventes femininos. Por fim, Márcia Fantinatti reflete sobre os tipos masculinos nas telenovelas de Benedito Ruy Barbosa.

A segunda parte do livro detém-se na construção ficcional do imaginário acerca do masculino, por meio de estudos que enfatizam as representações da masculinidade na literatura. O primeiro artigo, de José Ribeiro Ferreira, dá a pensar sobre um momento paradigmático da cultura ocidental, em que o ideal de homem passava por uma radical transmutação. Trata-se, pois, da Grécia clássica, quando a perspectiva democrática consolida o homem político, em lugar do homem titânico. Tal construção, porém, não se dá sem a aguda experiência da crise, o que fica claro no que hoje se considera como o mais frutífero sintoma cultural do século V a.C. – a tragédia ática.

O estudo de José Ribeiro Ferreira concentra-se na tragédia *Filoctetes*, composta por Sófocles em 409 a.C., que poetiza a problemática clássica em torno do *ethos* masculino. Ferreira destaca a figura de Neoptólemo, herói que, no âmbito da expedição a Tróia, interpõe-se ao conflito entre Ulisses (seu pai) e Filoctetes (protagonista do drama). Na esfera do conflito entre personagens de diferentes gerações, Neoptólemo aponta, em seu processo de individuação – que consiste em abandonar a insolência, a *hybris*, pela aquisição da *sophia*, o verdadeiro conhecimento –, uma nova perspectiva moral para o homem grego. Ao cabo deste percurso, “o filho de Aquiles já não é o jovem generoso de natureza estruturalmente honesta, mas ingênuo e inexperiente (...); agora é um indivíduo que tem ideias assentes e claras e que responde com soluções firmes” (p. 133). É conclusiva, portanto, a noção do herói masculino, de caráter hirto, como modelo de conduta racional para a humanidade, já que abre mão das desventuras decorridas da desmedida emocional: “isento de *hybris*, Neoptólemo é também modelo de consideração pelos outros e de fidelidade à palavra dada” (p. 139).

O capítulo seguinte, de Cleonice Furtado de Mendonça van Raij, também trata da tragédia; desta vez, a da tradição latina. A autora busca, assim, pensar a singularidade de Sêneca, ao imprimir em seus dramas toda uma concepção filosófica do masculino. Na sequência, Carmen Soares tece considerações acerca da construção masculina do amor pelos filhos, tal e qual depreendida da obra de Plutarco. Ana Maria Dantas Cunha de Miranda Oliveira assina o artigo que encerra a seção central do livro, no qual reflete acerca do masculino no ambiente pós-moderno, questionando a imagem do homem numa era em que se decretou o fim das grandes narrativas.

A última parte do livro concentra-se na questão das representações sociais do gênero masculino, tanto no âmbito das instituições quanto no das práticas cotidianas. Sem perder de vista a dimensão histórica, a seção começa com o estudo de Delfim F. Leão acerca dos papéis sociais desempenhados pelo homem na cidade grega. O autor busca circunscrever o que era “Ser homem na polis ateniense”, conforme deflagra, desde o título, o artigo em questão. Tomando como ponto de referência a noção de *polites* – ou seja, de um cidadão adulto, livre para desempenhar legitimamente suas responsabilidades sociais –, o autor busca diferenciar ao menos três categorias (que, do ponto de vista da lei, vão da oficialidade à criminalidade) ligadas ao masculino no âmbito da vida urbana grega: o *kyrios*, o *moichos* e o *pornos*. O *kyrios*, ou senhor da casa, designa mais

propriamente aquele cidadão que responde, no âmbito social, por um determinado *oikos*. Tal responsabilidade diz respeito, pois, tanto às pessoas quanto às posses materiais concernentes ao núcleo familiar, ao *oikos*. Trata-se, conseqüentemente, de uma noção jurídica fundamental para compreendermos o que, na história do Ocidente, designamos por patriarcalismo.

À margem das noções oficiais de *polites* e *kyrios*, Delfim F. Leão nos dá notícia do chamado *moichos*, ou adúltero sedutor, condição ligada tanto ao problema do adultério quanto ao da violência sexual. A considerar a dimensão coletiva da vida social grega, é preciso ressaltar a gravidade ética de cada delito, tendo em vista que a mácula do crime não diz respeito tão-somente ao indivíduo que o praticou, mas conspurca toda a sua casta, à qual se estende a desonra. O último dos tipos sociais masculinos identificados por Leão é o *pornos*, figura que paga forte ônus social em decorrência da prática da prostituição. Há (como até hoje) uma enorme ambigüidade em torno da prostituição, seja masculina, seja feminina. De um lado, a cidade de Atenas prevê um imposto específico para os que tomam a atividade sexual por profissão; de outro, tal prática é tida como indecorosa (equivale a uma usurpação de direitos cívicos). Conforme descreve o autor, “a penalização prevista para o prostituto era bastante dura e corresponde à *atimia*, que consiste num tipo de pena que afecta a capacidade de exercer plenamente os direitos de cidadania” (p. 204).

Nota-se, pelos modelos tomados tanto positiva quanto negativamente, como as expectativas sobre o exercício da masculinidade foram forjados e consolidados, no percurso ocidental, desde os gregos antigos. Os capítulos seguintes consistirão em estudos de Maria do Céu Fialho (“Admeto, Senhor da Casa Vazia, em *Alceste* de Eurípides”), Maria Marcelita Pereira Alves (“Considerações sobre o universo masculino”), Vera Lúcia Pereira (“O olhar e a voz na construção do discurso masculino: a questão da paternidade”), Helena Confortin (“A representação do masculino na tradição gaúcha”) e, finalmente, Antônio Ribeiro de Almeida Júnior e Oriowaldo Queda (“Trote universitário, gêneros e hierarquias sociais”).

Ao tratar da questão da masculinidade, *Representações do masculino* comprova, por um lado, que o homem esteve sempre vulnerável a um modelo identitário ao qual tinha de submeter-se. Por outro, em todos os momentos da história, em instâncias da realidade ou da ficção, a existência de indivíduos que não se adequaram aos modelos consagrados demonstra a insuficiência, a artificialidade, de qualquer exemplo a seguir. Os modelos

de gênero (masculinos ou femininos) perfeitamente consoantes às prescrições morais de seu tempo e espaço existem tão só num ideal platônico, de maneira que a liberdade para exercer o desejo parece enfim não se dar na esfera da identidade (isto é, do espelhamento em um padrão), mas na dimensão da pluralidade, daquilo que marca a diferença em face do outro. Está assim delineada a prerrogativa ética a atravessar esta interessante publicação em torno das múltiplas faces do masculino.

CLAUDIO CASTRO FILHO

JESUS, Carlos A. Martins de, *Arquíloco. Fragmentos Poéticos*, Lisboa, INCM, 2008, 155 pp. ISBN: 978-972-27-1673-4

Esta tradução da obra de Arquíloco proposta por Carlos Jesus e levada ao prelo pela Imprensa Nacional – Casa da Moeda (colecção *Biblioteca de Autores Clássicos*) tem por principal atractivo o facto de ser pioneira. À parte os 15 poemas que a Professora Doutora Maria Helena da Rocha Pereira dedicou ao autor na antologia *Hélade*, publicada originalmente há já 50 anos, a grande maioria dos textos, bem como uma apresentação introdutória que os enquadrasse, não estavam acessíveis ao leitor português. Tratando-se de um poeta que ousou oscilar entre a alteridade dos temas épicos (por exemplo, o *P. Oxy.* 69. 4708) e a primazia de um *eu* inquieto e especulativo, a pertinência de uma abordagem deste tipo é ainda maior.

Ainda que a obra não seja exactamente a “primeira versão na íntegra” (p. 7), já que deixa de parte os poemas cujo sentido não é reconstituível graças ao seu estado excessivamente fragmentário, ela é, sem qualquer dúvida, a primeira apresentação global deste poeta ao público leitor. Dada esta especificidade editorial, que, todavia, não invalida o valor e a pertinência académicos do livro, creio ter sido acertada a opção de excluir os textos mais fragmentários.

O livro está dividido em dois grandes blocos: uma introdução (pp. 9-39) e o conjunto dos textos traduzidos e anotados (pp. 53-143). Além disso, conta também com algumas secções mais breves, ainda que pertinentes, a saber: uma breve nota de apresentação (*In Limine*: pp. 7-8), em que o A. aflora o encaixe do livro no estado actual dos estudos sobre Arquíloco (nomeadamente algumas novidades papirologicas que introduz), bem